

O CERRADO E AS CONTRADIÇÕES DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

THE SCRUBLAND END THE CONTRADCTION OF THE ECONOMIC MODEL OF DEVELOPMENT

JOSÉ NOVAIS DE JESUS

Doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás - Unidade João Augusto Perillo - Goiás / GO
novaisdejesus@yahoo.com.br

WAGNER ALCEU DIAS

Doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Nordeste, Formosa / GO
wagneralceudias@msn.com

Resumo: Este artigo versa sobre a problemática que permeia as contradições do modelo de desenvolvimento econômico, acelerado pelo processo de expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado. Desse modo, as demandas do consumo interno e principalmente externo, reforçam o aumento do desmatamento da vegetação nativa e mudanças significativas na relação homem natureza, pois, as condições impostas pelo capital financeiro no setor das *commodities* agrícolas, também são responsáveis pela intensificação dos impactos socioambientais – alterando a vida das comunidades tradicionais, bem como estimulando os conflitos e violência no campo. As transformações socioespaciais impulsionadas pelo agronegócio estão alterando drasticamente a paisagem natural, ou seja, dando lugar às monoculturas destinadas ao abastecimento do mercado externo. A ausência de um manejo sustentável vem ocasionado sérios problemas e consequências para o meio ambiente e a sociedade. Sendo assim, esse modelo de desenvolvimento, é gerador de divisas econômicas, mas apresenta um custo elevado de degradação dos bens naturais. Portanto, refletir esse modelo é necessário para entender a sua lógica que prioriza somente o viés econômico, sustentado na acumulação do lucro e na concentração da riqueza.

Palavras-chave: Cerrado; Agronegócio; Desenvolvimento econômico; Bioma.

Abstract: This article dwells on the issue that permeates the contradictions of the economic development model, hastened by the process of agribusiness among the areas of the Cerrado biome. In such manner, the internal and, specially, the external demands for consumption reinforce the increase in deforestation of native vegetation and significant changes in the man-nature relationship, since the conditions imposed by the financial capital in the agricultural commodities sector are also responsible for the intensification of socio-environmental impacts – altering the lives of traditional communities in addition to stimulating the conflicts and violence in the countryside. The socio-spatial transformations driven by the agribusiness are drastically altering the natural landscape, that meaning, giving place to monocultures aimed at fueling the external market. The absence of sustainable management has caused serious problems and consequences to the environment and to society. Hence, this development model generates economic profitability, but yet, brings about a high cost due to degradation of natural resources. Therefore, it is necessary to reflect on this model in order to understand its logic, which prioritizes only the economic bias, sustained by the accumulation of profit and the concentration of wealth.

Keywords: Cerrado; Agribusiness; Economic development; Biome.

Introdução

O presente artigo promoveu uma discussão referente à problemática das contradições do modelo de desenvolvimento econômico que se intensifica com a expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado. Para isso, explica-se os diversos impasses inerentes ao avassalador processo de produção e reprodução do capital, que tem como primazia algumas inconveniências, das quais destacam-se a concentração fundiária, a desarticulação da agricultura camponesa, a degradação do bioma Cerrado, a expulsão de mulheres e homens do campo para a cidade, a precarização das condições de trabalho, entre outras.

Entretanto, o Cerrado, por ser considerado um bioma rico em biodiversidade, antes da década de 1960 não oferecia condições necessárias para a exploração agrícola, em decorrência dos solos ácidos encontrados nesta região. Portanto, com o avanço e desenvolvimento das técnicas, as áreas do Cerrado passam a ser alvo do complexo agroindustrial, que propicia uma nova reorganização produtiva no uso e apropriação do território. Essa dinâmica promulga a chamada industrialização da agricultura, evidenciada pela extrema subordinação da agricultura às grandes indústrias. Assim, o agronegócio passa a ser apresentado a partir de um discurso dominante, declarado pelos altos índices da produção de grãos e, recentemente, a intensificação do cultivo da cana-de-açúcar, o que faz do Estado de Goiás, como também de toda região do Centro-Oeste, uma área estratégica para o desenvolvimento do setor agrícola.

Neste contexto, as áreas do Cerrado vêm passando por transformações significativas quanto a sua extensão, substituindo sua paisagem natural por monoculturas. Dessa forma, as atividades realizadas pelo agronegócio vêm provocando grandes alterações culturais no modo de vida dos agricultores rurais/camponeses residentes no Cerrado, além da degradação do bioma. Suas contradições são verificadas mediante ao crescimento econômico baseado na ausência de uma prévia sustentabilidade do ponto de vista social, econômico, ambiental e cultural. Por isso, há uma necessidade de desenvolver projetos integrados que vise conciliar desenvolvimento econômico com manejo racional dos bens naturais.

O estudo apresentado surge da necessidade para compreender as dinâmicas socioespaciais impulsionadas pelas transformações recentes oriundas da expansão do agronegócio e a ameaças ao Bioma “CERRADO”. Para tanto, a fundamentação teórico-metodológica foi centrada na leitura e análise de artigos científicos, que foram essenciais para a construção teórica do artigo. Por isto, o estudo em questão tem como intuito suscitar reflexões e debates em torno dessa problemática da questão agrária e meio ambiente, relacionada aos impactos socioambientais, decorrentes da exploração predatória dos bens naturais.

Espera-se, com esta reflexão, compreender como se articula este novo processo de reorganização produtiva no território goiano e suas consequências no que se refere aos aspectos socioambientais.

O Cerrado goiano e a produção agrícola

O Cerrado brasileiro ocupa uma vasta área geográfica do território nacional, considerado um dos biomas mais importantes pela sua riqueza em sociobiodiversidade. É adaptado ao clima tropical, com muita chuva no verão, caracterizado por um inverno seco, sem ocorrência de chuva. Sua extensão territorial, segundo Ferreira (2008), abarcava cerca de 22% de toda área nacional, perpassando por dez Estados – Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Tocantins, São Paulo, Piauí, Maranhão e Minas Gerais. Também abrange o Distrito Federal e áreas remanescentes do Estado do Pará, Roraima e Amapá, conforme mostra a figura 1.

As atividades agropecuárias introduzidas no campo mudaram a paisagem natural do Cerrado. As inovações tecnológicas e o conhecimento científico fizeram com que um solo ácido, pela alta concentração de alumínio, se tornasse agricultável. Fato que explica as características de sua vegetação, com árvores tortuosas, troncos cascudos e folhas ásperas. Outro fator que identifica o Cerrado são as raízes longas, chegando a uma extensão de aproximadamente 15 metros de profundidade, constatando que diversas espécies arbustivas possuem as raízes maiores do que o próprio tronco e a copa. Por essa razão, foi denominado um pseudônimo para o bioma do Cerrado,

chamado às vezes de “mata de cabeça para baixo”, esse tipo de desenvolvimento radicular é para que as raízes alcancem o lençol freático que se aprofunda em período de seca.

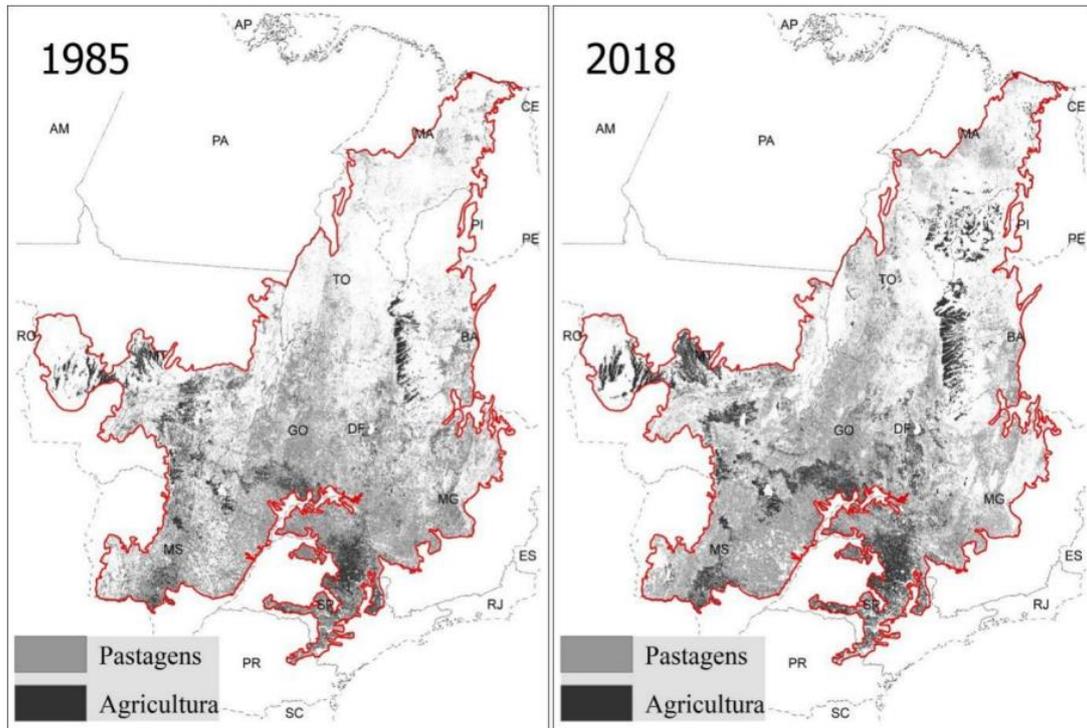


Figura 1 - Uso e ocupação das áreas dos Cerrado. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10857>. Acesso em: 01 jul. 2022.

Para Pinto (1993, p.17), “evidentemente a atividade humana introduz na paisagem, modificações que são, em geral, irreversíveis”. Embora tenha sido seu solo considerado, a tempos atrás, impróprio à agricultura no modelo agroexportador, atualmente está em evidência como espaço de investimentos do grande capital, se tornando uma fronteira agrícola.

As vantagens comparativas das terras do Cerrado chamam a atenção para as diversas atividades agrícolas, que aos poucos vêm se expandindo, indicando uma ameaça à conservação da flora e fauna. A ausência de políticas ambientais para esse bioma significa abrir caminhos para os investimentos agroindustriais. Para dar sustentação a esta preocupação, e argumentar sobre as causas da devastação no/do Cerrado, recorre-se à afirmação de Ferreira, (s.d., p.3);

A modernização das técnicas produtivas no campo, em especial na área do Cerrado, aliada a um acréscimo constante de investimentos financeiros subsidiados por programas e políticas oficiais, vem propiciando um avanço indiscriminado sobre a paisagem do Cerrado, o qual tem se transformado em uma região “viável” na utilização pela agropecuária, decorrente de uma extensa área agricultável, facilidade de mecanização, de “fartos” recursos hídricos, por estar próximos de centros consumidores, entre outros, além da devastação do Cerrado em seus aspectos naturais, culturais e científicos.

Todavia, a reestruturação das relações de produção, mediante a modernização da agricultura, trouxe consigo grandes empreendimentos nas áreas do Cerrado, descaracterizando-o de seus aspectos naturais, culturais e sociais. Seus aspectos naturais passam a transfigurar de vegetação típica para as lavouras de grãos, ou até mesmo a criação de gado. Essa tendência pode ser facilmente constatada a partir de uma observação da paisagem. Onde antes se registrava uma vegetação típica do bioma Cerrado, hoje a agricultura se robusta fazendo jus à dinâmica do capital. De acordo com as informações da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás, a expansão agrícola nas áreas do Cerrado é proveniente do Sul e do Sudeste brasileiro. Culturas como soja e café, na década de 1990, tiveram suas áreas expandidas de forma relevante. Para Duarte (1998, p. 16-17):

Vale a pena ressaltar que os cerrados não foram, durante muito tempo, considerados como grande recurso potencial, no que tange à exploração de seus bens naturais. Tal enfoque de interpretação mudou a partir da década de 1970, com o esgotamento da tradicional área de agricultura do Sul e Sudeste do Brasil. O Centro-Oeste, em especial, configurou-se, a partir de então, em uma região de fronteira agrícola, aberta aos fluxos migratórios nacionais e internacionais e aos padrões mais modernos de capital e de tecnologia intensivos, parâmetros esses definidos pelos processos da globalização de economia.

Para oferecer continuidade a esse raciocínio, Zamberlam e Froncheti (2001, p, 43) afirmam que:

É um novo estágio de modernização da agricultura proposto pelo grande capital (agroindustrial e financeiro), a partir da década de 80. Trabalha o desgaste e o empobrecimento dos solos como o grande problema da agricultura. Como solução defende o uso de novos tratamentos culturais (antes apenas terraceamento), como plantio na palha, rotação de culturas, construção de microbacias e uso de novas máquinas e equipamentos mais modernos. Faz experimentos de consorciamento de adubação verde com venenos agrícolas e adubos químicos.

Os aspectos culturais dos povos que habitam o Cerrado vão, assim, extinguindo-se aos poucos. Essas comunidades não foram capazes de se adaptar à modernização da agricultura, pois a maquinização dispensa a velha maneira de uso da terra, ou seja, as práticas agrícolas tradicionais. Desse modo, o homem do Cerrado se vê forçado a migrar-se do campo para a cidade.

Aos que permanecem no Cerrado tem o seu modo de vida alterado devido à intensificação da ação do capital no campo, pois não é levado em consideração as suas tradições culturais. Essas populações, neste processo histórico de convivência com a natureza, foram capazes de desenvolver um grande acervo de conhecimento de relação com seu ambiente. No entanto, como consequência do modelo, a imposição da mobilidade da população do campo para os centros urbanos, causam problemas e empobrecimento, tanto no espaço agrário quanto na cidade. Nesta mesma perspectiva, Graziano (1996, p.43) pontua que esse é o contexto mais geral a ser considerado quando se pretende entender o que se passa atualmente na agricultura brasileira. Séculos de sociedade agrária-tradicional desmoronaram num curto espaço de tempo, enquanto a modernização tecnológica revolucionava a forma de produção no campo.” O autor (1996) afirma ainda que na década de 1950, o espaço rural detinha cerca de 70% da população brasileira. Duas décadas depois sua população era de 25%, apenas, (IBGE, 2008).

As novas relações de trabalho correspondem às mudanças significativas na apropriação e uso do solo. Com isso, a agricultura integrada à indústria vem ganhando proporções que ameaçam a existência do Cerrado. Há de salientar, no entanto, a implementação da logística, como fator mediador entre setor agrícola, indústria e mercado, Bernardes e Freire Filho (2006, p.14) complementam:

No que diz respeito à nova logística, a política viária vem sendo direcionada nesta região no sentido da valorização do transporte intermodal, envolvendo particularmente a rodovia e a hidrovía, combinando sistemas de energia e comunicação, levando a uma nova estruturação do espaço voltado para o escoamento das commodities produzidas na região. Tal logística significa novas possibilidades de revitalização desses espaços, especialmente em áreas de cerrado.

Essa conjuntura é interpretada quando se analisa suas articulações e interligações entre cidade, agricultura, estradas e indústrias. Tais elementos formam um verdadeiro sistema que corrói o tecido vegetativo do Cerrado. O setor agrário dispõe de recursos necessários para implantação e funcionamento de agroindústrias que passam a potencializar esse setor pelas suas demandas em matéria prima. Concomitantemente, as cidades vão crescendo e incrementando elementos que possam dar manutenção ao setor industrial como também à agropecuária. O quadro 1 identifica algumas atividades agropecuárias que evoluíram sua produção de 2014 a 2016:

Quadro 1 – Agricultura goiana, segundo o produto especificado/Ton – 2017.

PRODUTO	2014	2015	2016
Cana-de-açúcar	70.152.466	72.066.835	71.061.922
Soja	8.938.560	8.606.210	10.239.473
Milho	9.088.029	9.512.503	5.804.842
Tomate	1.055.337	912.976	934.658
Melancia	237.719	246.950	263.534
Milho	9.088.029	9.512.503	5.804.842
Algodão herbáceo	267.179	131.995	86.446
Arroz em casca	126.941	108.938	108.194

Elaborado pela Instituto Mauro Borges. Disponível em: https://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=85:goi%C3%A1s-em-dados-2017&catid=19&Itemid=151. Organização: DIAS, W. A. 2017.

Conforme mostra a tabela 01, o Cerrado está literalmente sendo “serrado” em detrimento da expansão especulativa dos complexos agroindustriais. Áreas que eram valorizadas pela riqueza de sua vegetação nativa, hoje se prestam às monoculturas como soja e cana-de-açúcar, alternância de valores que têm sua origem no aperfeiçoamento das técnicas, elemento mediador entre homem e natureza. As indústrias detentoras de informações implantam técnicas buscando estudar as aptidões agrícolas para conseguir retorno econômico, prática que corrobora para a diminuição do Bioma. Para Bernardes e Freire Filho (2006, p.53);

A técnica é, portanto, um elemento mediador entre os atores sociais, entre os segmentos da economia e entre todos estes e o território, e os componentes informacionais e comunicacionais que hoje estão presentes nas técnicas

modernas são as principais inovações geradas pela revolução digital. Mas os desígnios da técnica são determinados pelos objetivos de quem a comanda. As necessidades dos agentes que controlam as técnicas mais avançadas são estabelecidas pelas relações sociais de produção, que são historicamente determinadas. Quando falamos dos efeitos da informatização da agricultura sobre o território e sobre o trabalho, queremos na verdade dizer que os verdadeiros responsáveis por esses efeitos são as grandes empresas multinacionais, porque na fase atual do capitalismo são elas que detêm o poder econômico. Em outras palavras, é dessa forma que as firmas estrangeiras controlam os pontos mais dinâmicos do território e criam condições locais favoráveis à reprodução ampliada do capital. É através da concorrência que essas firmas impõem sua lógica com força de “lei social”, pois a competição é o veículo das inovações e das transformações estruturais.

Em razão da dinâmica do território propiciada pela articulação e viabilidade do espaço produtivo, surge uma variável indissociável à técnica: a fluidez. Santos (2008) anuncia que não basta apenas a implementação das técnicas para produzir, é preciso dar destino à produção. A sua movimentação é o que preside a produção e reprodução do capital. Nesse sentido, a técnica e fluidez apresentam vantagens compensativas na manifestação em áreas do Cerrado, fazendo com que haja uma interlocução do local com o global, que contribuem diretamente para a hierarquização dos espaços produtivos.

Percebe-se que a mesma logística responsável pela produção e reprodução do capital propiciada pelo avanço do agronegócio nas áreas do Cerrado, também é a logística que viabiliza a redução substancial desse bioma. Na sequência, a discussão será direcionada a tratar dos reflexos causados ao bioma Cerrado, tanto em âmbito natural quanto social.

A reorganização produtiva e seus reflexos no Cerrado

O processo de modernização do território está criando novos espaços produtivos mediante investimentos do capital financeiro, principalmente nas áreas do Cerrado, contribuem na redefinição, apropriação e uso agrícola das terras. Conforme

pesquisa da organização não-governamental brasileira Fundo Mundial para Natureza pertencente a Rede WWF¹:

Os resultados do TerraClass, destinado ao mapeamento do uso da terra e da cobertura vegetal do Cerrado com base em 2013, revelam que 45,4% de sua vegetação natural já foram destruídas. Em números, isso equivale a 100 milhões de hectares.

O estudo mostra ainda que as áreas de pastagens ocupam 29,5% do bioma, a agricultura anual representa 8,5% e as culturas perenes 3,1%, totalizando 41,1% do uso total. Atualmente, o bioma responde por 51,9% da área de soja cultivada no país, quase 16 milhões de hectares do Cerrado foram para a produção de grão segundo o relatório “Análise Geoespacial da Dinâmica das Culturas Anuais no Bioma Cerrado.

47

Dessa forma, estas áreas são territórios estratégicos para a produção do capital. Segundo Santos (2005, p. 105),

Além de condicionar a construção de especializações, essa nova estruturação segmenta o território. Os compartimentos mais ativos são aqueles mais aptos aos produtos exigidos pelo chamado mercado mundial. Porque é preciso ligar num único processo das parcelas do trabalho desenvolvidas em lugares distantes, impõe-se mais cooperação entre pontos do território e a circulação ganha um novo ímpeto. Alargam-se contextos ao mesmo tempo em que as regiões perdem o comando sobre o que nelas acontece, contribuindo para uma verdadeira fragmentação territorial. As novas vocações regionais são amiúde produtoras de alienação, pela pressão da ordem global sobre as populações locais.

As alterações nas relações sociais são consequências da intensificação do setor agroindustrial, atuando de maneira majoritária, cujos reflexos podem ser observados pela perda da autonomia da produção camponesa. As grandes extensões de terras que são destinadas para as monoculturas da soja, do milho, do algodão, e recentemente a entrada da cana-de-açúcar para produção de agrocombustível, têm como objetivo atender as demandas do mercado externo, em detrimento do mercado interno.

Diante dessa problemática, a produção da cana-de-açúcar avança, alcançando índice significativo de produtividade, com aumento de 36.499 hectares no curto período de 2014 a 2016 no estado de Goiás. Esse reordenamento territorial da cana-de-açúcar

¹ Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/ameaca/. Acesso em: 07 jun. 2022.

vem ao encontro das vantagens oferecidas às agroindústrias no que diz respeito à infraestrutura e incentivos fiscais.

Estes dados contribuem para o entendimento do reflexo da expansão do capital nas áreas do Cerrado, percebendo o quanto o bioma foi reduzido territorialmente. Vale salientar que o agronegócio ao se instalar, logo apresenta contradições do ponto de vista social, político e econômico. Enquanto a economia cresce acima da média nacional, a população enfrenta problemas como pobreza e desemprego.

O crescimento econômico não quer dizer que a população, de modo geral, seja beneficiada. O que se observa é a persistência na concentração da renda. Esse modelo está provocando grandes consequências. Neste sentido a CPT, (2007, p. 14) afirma:

Os principais desafios sociais enfrentados, atualmente, pelo Estado de Goiás se confundem com as consequências lógicas de um sistema social sustentado pelo agronegócio, a saber: concentração fundiária, concentração da renda, unificação da produção agrícola, expulsão dos pequenos produtores e camponeses de suas terras, devastação ambiental e exploração do assalariado no campo.

Neste caso, constata-se que essa nova reorganização produtiva no território goiano vem carregada de contradições e promovendo grandes impactos socioambientais na região do Cerrado. A apropriação do território e a definição dessas funcionalidades estão vinculadas à ofensiva do capital financeiro e internacional.

As transformações nas relações de trabalho na agricultura são cada vez mais visíveis nas áreas do Cerrado. Basta um olhar na paisagem para perceber a incorporação de novas áreas agricultáveis. Nesta perspectiva, esse Bioma está condenado a desaparecer, pois a indiscriminada maneira de ocupação e uso do solo do Cerrado, no ritmo vigente, fará espécies de animais e vegetais desaparecerem, gradativamente. Para Almeida (2005, p. 331):

No caso da biodiversidade, há a perda de habitat de inúmeras espécies animais e vegetais, o que reflete sobre aquelas populações gradualmente privadas de sua base de recursos, comprometendo, assim, sua identidade cultural como homem do cerrado. Também, deve se considerar que a devastação da vegetação natural significa a perda do conhecimento acumulado ao longo dos tempos, sobre o uso medicinal das plantas pelas

populações a elas associadas. Estas populações muitas, migram para outros centros urbanos, provocando em sua vivência com a natureza.

Mas, a extinção do Cerrado é uma ação sem precedentes? Sem dúvida, esta indagação não ocorre por acaso, e nem por inocência, pois as novas relações de produção se encontram conduzidas por um discurso inócuo, e se escondem em um sistema que não tem contribuído com a sustentabilidade do meio ambiente. Ainda sobre esta questão, Gomes (2008, p.7) afirma:

Em nome da economia de mercado, do progresso e do desenvolvimento pautados no lema de “produzir a baixo custo e vender onde a demanda é lucrativa”, camufla-se a cobiça e a ganância acumulativa, e arrasa-se completamente com o Cerrado brasileiro, explorando-lhe intensamente o solo, além de sua sustentabilidade produtiva. É a lógica da razão pragmática da filosofia iluminista posta em prática por agentes que tratam a natureza como “coisa”, objeto de uso e desuso, descartável. Trata-se da “coisificação” da natureza.

Diante dessa contradição do modelo de produção capitalista, percebe-se que a natureza original ou típica do Cerrado não representa vantagens para o bom desenvolvimento econômico: as monoculturas se expandem a cada ano, condicionando a redução do Bioma. O Estado de Goiás, que tinha suas terras cobertas pelo Cerrado, se encontra alterado em circunstâncias da expansão de novas culturas agrícolas. Mineiros, Quirinópolis, Rio Verde, Catalão entre outros, sobretudo municípios que compõem o sudoeste goiano, se mostram inseridos na lógica da produção do capital. Nota-se que por meio da modernização do território, propiciada pela implementação de uma malha viária, a agricultura se intensifica em Goiás, mas não de forma homogênea, pois as concentrações de agroindústrias e de grandes monoculturas se dão em áreas beneficiadas pela logística. Contudo, o complexo agroindustrial brasileiro ganha pujança em função da reestruturação do espaço agrário, em que a própria logística instaurada, representa impactos ao bioma Cerrado, conforme as figuras 2 e 3 podem mostrar.



Figuras 2 e 3: Sinais de impacto no Bioma Cerrado, no Sudoeste Goiano.
Autor: CASTILHO, Denis. 2018.

A Microrregião do Sudoeste Goiano, anuncia Goiás economicamente como um Estado em desenvolvimento, hegemonizado por um discurso do agronegócio. Dessa maneira, a agroindústria vai tomando o espaço do Cerrado.

Observa-se que a cana-de-açúcar é recordista em produção estabelecida pelos municípios. Até então, segundo a Gerência de Estatísticas Socioeconômica de 2007, Goiás é o 5º maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil. O setor sucroalcooleiro é o ramo que mais tem recebido incentivos fiscais e financiamentos de pesquisas. Segundo o site novacana² o estado de Goiás concentra 40 usinas de álcool e açúcar. Todavia, a quantidade de usinas que são implantadas requer um considerável número de hectares para a plantação de cana-de-açúcar, implicando no desaparecimento do Bioma Cerrado.

Ainda de acordo com a tabela, o município de Jataí tem o maior percentual de produção da soja. A produção desse grão já foi a monocultura que mais devastou o Cerrado em Goiás, porém, sua produção foi ultrapassada em decorrência da alta oferta de lucro da cana-de-açúcar. A produtividade de soja tem sido amparada pela demanda de produtos derivados como óleo de cozinha e ração para animais. À medida que cresce a produção de aves, suínos e bovinos, aumenta a demanda e o consumo de ração,

Fonte: https://www.novacana.com/usinas_brasil/estados/goias. Acesso em: 06 de jul. 2022.

situação que impulsiona a produção de soja, visto que a agroindústria decide o que a agricultura vai produzir, subordinando também a agricultura camponesa familiar.

As relações que permeiam o processo produtivo transformam a paisagem do Cerrado, proporcionando uma redefinição da apropriação e uso do solo que, para Santos (2001), pode ser explicado pela demanda nas exportações conduzidas pelas cotações. Toda a produção do Estado de Goiás é estimulada pela demanda das indústrias, embora o próprio Estado tenha participação na escolha do quê, quando e aonde vai se plantar. O Estado entra com a contrapartida financeira, executando investimentos capazes de suprirem deficiências que estagnam a produção. Nesta perspectiva, é inerente salientar que a reorganização do espaço produtivo ocorre pela imposição do setor privado.

A intensificação da expansão da cana-de-açúcar vem interferindo e ameaçando a produção de alimentos, principalmente o arroz, feijão e outros, considerado uns dos indicativos do desaparecimento da agricultura camponesa.

Muitos camponeses, seduzidos pelos usineiros, estão alugando suas propriedades para o plantio da cana-de-açúcar, ocorrendo a substituição da agricultura camponesa pelo agronegócio. Dessa maneira, promove-se grandes alterações nas formas de trabalho no meio rural. De acordo com Heinen (2007, p. 55), “O trabalho de vínculo permanente, mediante contrato de prazo indeterminado e para a realização de serviços gerais, foi cedendo lugar ao trabalho assalariado temporário ou sazonal, na maioria dos casos na completa informalidade”.

Estes são os desafios que os camponeses estão enfrentando no campo. Sem contar que esse modelo de modernização conservadora é excludente, pois está expulsando os camponeses para as cidades e piorando as condições de vida dos trabalhadores. Tais problemas vêm tomando dimensões estarrecedoras nas relações de trabalho, como afirma Heinen (2007, p. 55),

Essa nova realidade traz consigo, além da informalidade nas contratações, o desemprego sazonal. Nos meses de novembro a março, em regiões onde a atividade agrícola do agronegócio é mais intensa, o desemprego chega a atingir 90% dos trabalhadores. Por outro lado, em razão das exigências tecnológicas, em algumas atividades rurais faltam trabalhadores qualificados.

Há contradições no modelo agrícola do agronegócio. Ao mesmo tempo em que produzem riquezas, por outro lado gera pobreza. Além do mais, os pequenos produtores estão fora do processo produtivo, ficando apenas com as consequências, que são: enfraquecimento da agricultura camponesa familiar, degradação dos bens naturais e o aumento do trabalho assalariado no campo. Pensar o Cerrado, numa perspectiva sustentável, é o que discutiremos no próximo item.

Como pensar o Cerrado na perspectiva sustentável

A devastação de grandes extensões de áreas de terras para a introdução de culturas agrícolas e criação de gado é fator determinante que está contribuindo, de forma significativa, para o desaparecimento do Cerrado. A partir dessa realidade, faz-se necessário, repensar outro paradigma de desenvolvimento, que não seja predatório como o atual modelo vigente. É preciso pensar em alternativas sustentáveis para garantir a preservação da biodiversidade e estabelecer manejo racional dos bens naturais renováveis. De acordo com Rigonato e Almeida (2004, p. 42),

O Cerrado é detentor de uma distribuída e exuberante biodiversidade do território goiano, mas muito ameaçada pela nova divisão do trabalho e, conseqüentemente, pela territorialização do capital na agricultura moderna nas últimas décadas do século XX e início do atual. Atualmente as principais ameaças à biodiversidade do cerrado estão relacionadas com a monocultura intensiva de grãos, principalmente a soja com alta e moderna mecanização ligada à agricultura, a pecuária extensiva de baixa tecnologia e, a exploração crescente pela indústria biofarmacêutica, principal interessada pela natureza

Essa problemática é a prova de um desenvolvimento que não é sustentável, do ponto de vista conceitual do termo, o que significa que sustenta apenas para os investidores financeiros, porque eles estão obtendo os lucros acima do esperado. A sociedade sofre as consequências da expansão e apropriação do capital. Tem-se aí, a transformação da natureza em mercadoria e a expropriação dos trabalhadores.

O conhecimento e a técnica estão a serviço do ser humano, da apropriação da natureza, transformando-a de acordo com os interesses econômicos. Essa análise serve para ajudar na reflexão e na construção de alternativas sustentáveis que viabilizem a

potencialidade de bens naturais existentes no Cerrado. Portanto, é necessário criar mecanismos e projetos que envolvam a participação efetiva dos povos que residem no Cerrado, como já existem experiências em curso, a exemplo das atividades ligadas ao agroextrativismo, turismo rural, agroecologia, dentre outras. É preciso também, não pensar essa região somente do ponto de vista das monoculturas, mas entender que existem diversas possibilidades de geração de emprego e renda nas comunidades rurais. Sendo assim, Sá e Jesus (2006, p. 42) afirmam:

Essa concepção de desenvolvimento tenta vislumbrar desde atenção e cuidado com os ecossistemas, mas também com a qualidade de vida como um todo. Precisamos compreender que trabalhar o desenvolvimento do campo passa não só pela implementação de novas atividades, mas também a valorização da cultura camponesa como suporte e reconhecimento da importância das suas tradições elementares, como estímulo ou motivação para que possamos repensar a integração dos povos do campo com a cidade.

Neste sentido, ampliar a participação de agricultores familiares, nos projetos de âmbito local, favorece a geração de empregos, uma vez que muitos trabalhadores ficaram e ficarão sem emprego no campo em virtude da mecanização agrícola. Esse é um problema que está posto, e os diversos governos precisam criar programas para alocação desses trabalhadores. É importante, portanto, atentar para o potencial regional, pois Goiás oferece diversas alternativas nesse aspecto, conforme já citamos anteriormente. A crise dos alimentos nos leva a uma reflexão de que há necessidade de colocar a agricultura camponesa familiar como prioridade para garantir a produção dos alimentos básicos, tendo como meta a participação efetiva dos agricultores familiares.

Para isto, devem-se estimular novas formas de organizações, como está presente na IV-Carta da Terra, no Fórum Nacional de Reforma Agrária (2004) na qual destaca:

O planejamento de produção familiar que leve em consideração as diversidades regionais, sua viabilidade e sustentabilidade econômica, social e ambiental com linhas de crédito de custeio e investimento acessíveis, com programas de seguro agrícola e de serviços de assistência técnica pública, gratuita e de qualidade e com garantia de preços mínimos justos e de comercialização da produção.

É importante preocuparmos com o desenvolvimento econômico e com o fortalecimento da agricultura camponesa familiar. Entretanto, é necessária a elaboração de programas que atendam aos reais interesses dos agricultores familiares e promovam o crescimento da economia local sustentável. De acordo com a referente questão Motta (1997, p.26) afirma que:

A sustentabilidade do crescimento econômico sempre foi a questão central dos modelos de desenvolvimento. Entretanto, os modelos de desenvolvimento adotados pelos países nos últimos cinquenta anos da era do planejamento e da intervenção governamental, excepcionalmente referiam-se às questões ambientais como uma restrição. A base natural da economia em planejamento era considerada como infinita, isto é, como um fator de capital sem restrições de escassez.

Neste sentido, desenvolver projetos de sustentabilidade é pensar o Cerrado na sua totalidade, na sua diversidade e compreender que o crescimento econômico, como já apresentado, precisa estar associado à sustentabilidade social, ambiental e cultural, levando em conta a gestão racional dos bens naturais e a capacidade de carga dos ecossistemas. A configuração agroindustrial do Estado de Goiás deve atender a essas exigências dos conceitos de sustentabilidade, buscando responder a alguns quesitos enunciados por Pires (1998, p. 72):

- 1) integração da conservação e do desenvolvimento;
- 2) satisfação das necessidades humanas básicas;
- 3) alcance da equidade e da justiça social;
- 4) provisão de autodeterminação social e da diversidade cultural;
- e 5) Manutenção da integração ecológica.

Essa análise contribui para uma reflexão acerca das alternativas de desenvolvimento, considerando os aspectos socioambientais, ou seja, conciliando-se crescimento econômico e conservação ambiental.

Quando se fala em desenvolvimento sustentável, se faz necessário refletir sobre as questões que estão postas, no que se refere ao modelo de agricultura do agronegócio e dos problemas ambientais que operam no Cerrado, conforme Pietrafesa (2007, p. 67),

Dada a diversidade agroecológica do território nacional e a variabilidade sócio-econômica existente no país, a agricultura brasileira é uma realidade heterogênea e complexa em seus sistemas e estruturas de produção. [...] por mais este motivo se faz necessário analisar a nova configuração de sistemas

agrícolas voltados para a produção de energia, especialmente os que estão sendo implantados no cerrado.

Estudar as implicações oriundas dessa nova configuração espacial das agroindústrias no Cerrado é iminentemente necessário para entender os danos socioambientais que são causados por esse modelo agrícola.

Em suma, precisamos construir outras formas de atividades que garantam a sustentabilidade e integrem as populações tradicionais em projetos de geração de emprego e renda para fomentar o desenvolvimento da economia local. Reflexão essa em prol do desenvolvimento sustentável e com responsabilidade social, em defesa da conservação do Cerrado e dos povos que habitam essa região.

Considerações finais

Este debate contribuiu para uma melhor compreensão das transformações que se incidem nas áreas do Cerrado. A modernização do território está imprimindo uma nova dinâmica ao espaço agrário brasileiro e, em particular, ao Bioma Cerrado. Contudo, a reestruturação do espaço produtivo impulsionado pelo agronegócio tem provocado consideráveis impactos socioambientais. Assim pode-se considerar que esse modelo agrícola promove concentração fundiária, concentração de renda, enfraquecimento das práticas da agricultura camponesa, degradação dos bens naturais e intensificação da migração do campo para a cidade.

A expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado não corresponde ao discurso proferido pelos seus defensores, pois esse modelo é contraditório, promovendo concentração fundiária e de renda, expulsão de famílias camponesas do meio rural, degradação do meio ambiente. Esta lógica de agricultura capitalista tem como meta produzir e atender às exigências do mercado exterior.

As análises deste trabalho nos levaram ao entendimento da questão agrária, que envolve os diferentes atores sociais no uso e apropriação do território. Seus reflexos são nocivos para o meio ambiente, que necessita de um outro paradigma constituído por um desenvolvimento embasado no conceito de sustentabilidade. Nesta ótica, o Cerrado não

pode ser concebido somente como espaço de produção, mas também como espaço cultural, o qual sua sociobiodiversidade deve ser conservada.

Esperamos que essa discussão possibilite reflexões sobre a problemática do uso e apropriação do Cerrado. Neste contexto, é importante pensar em ações coletivas que contribuam para a construção de um projeto de sustentabilidade que oportunize qualidade de vida à população, concomitantemente à conservação do Bioma

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre biogeodiversidades e singularidade cultural.** Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

BERNARDES, Júlia Adão & FREIRE FILHO, Osni de Luna.(Org.) **Geografia da Soja: Br-163: Fronteiras em Mutação.** Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006.

BERNARDES, Adão Júlia. **Territorialização do capital, trabalho e meio ambiente em Mato Grosso.** In: Movimentos sociais: Multiplicidade IV- Carta da Terra – Fórum Nacional de Reforma Agrária, abril/2004.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CPT. **Realidade e conflitos no campo.** Goiás, 2007.

DUARTE, Laura Maria Goulart. (Org.) Globalização, Agricultura e Meio Ambiente: o paradoxo do desenvolvimento dos cerrados. In. **Tristes cerrados. Sociedade e biodiversidade.** Brasília: Paralelo 15, 1998.

FERREIRA, Idelvone Mendes. **Paisagens do Cerrado: Um Estudo do Subsistema de veredas.** In. Horieste Gomes. **Universo do Cerrado Vol.I.** Goiânia: Ed. UCG, 2008. p. 07.

GOMES, Horiestes. Cerrado: Extinção ou Patrimônio Nacional?. In. Horieste Gomes. **Universo do Cerrado Vol.I.** Goiânia: Ed. UCG, 2008. p. 07.

GRAZIANO, Francisco. **Qual Reforma Agrária? Terra, Pobreza e Cidadania.** São Paulo: Geração Editorial, 1996.

HEINEN, Milton Inácio. **O assalariado rural em Goiás situações e perspectivas** In: CPT realidade e conflitos no campo, Goiás, 2007.

MOTTA, Ronaldo Serôa. **A Questão econômica da Questão Ambiental.** In. SHIKI, Shigeo, SILVA, José Graziano, ORTEGA, Antônio César (org). Agricultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade do Cerrado Brasileiro. Uberlândia: UFU, 1997. 372 p.

PIETRAFESA, José Paulo. **A expansão canavieira no Estado de Goiás: sustentabilidade ou mito?** In: CPT – Realidade e conflitos no campo, Goiás, 2007.

PINTO, Maria Novaes (Org). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas –** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993-2ª edição.

PIRES, Mauro Oliveira. **A trajetória do conceito de desenvolvimento sustentável na transição de paradigmas.** In: DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Santana (org.) et. Tristes cerrados. Sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998.

RIGONATO, Valney Dias, ALMEIDA, Maria Geralda. **Cerrado: as fitosionomias e a inter-relação com as populações tradicionais.** In.: CARNEIRO, Maria de Fátima Brandão. Revista Cerrado / Universidade Estadual de Montes Claros. Departamento de Geociências – Vol. 1 n. 1 (jan/dez. 2003 – vol. 2 n. 1 (jan/dez 2004) Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2003-2004.

SÁ, Abner Conceição Jr de; JESUS, José Novais de. **O agro-extrativismo de frutos nativos, turismo rural e sustentabilidade no Projeto de Assentamento Rancho Grande-GO.** Monografia em Geografia, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª Ed. 4ª impressão. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI.** Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, José Carlos de; MARTINS, Patrick Thomaz de Aquino; DRUCIAKI, Vinícius Polzin. **Uso e cobertura do solo no Cerrado: panorama do período de 1985 a 2018.** *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Goiás, v.9, n.2, e922020, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10857>. Acessado em 01 de julh. de 2022.

ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. **Agricultura Ecológica – Preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 214 p.